

ASPECTOS DA REPERCUSSÃO DE ALEXANDRE DUMAS NO BRASIL: O ROMANCE-FOLHETIM E A FICÇÃO NACIONAL

ASPECTS OF ALEXANDRE DUMAS'S IMPACT ON BRAZIL:
THE SERIAL NOVEL AND NATIONAL FICTION

Valéria Cristina Bezerra⁹⁵

Priscila Renata Gimenez⁹⁶

RESUMO: *Le Capitaine Paul*, de Alexandre Dumas, foi o primeiro romance-folhetim traduzido em português no Brasil, em 1838. A análise do contexto de lançamento do novo gênero no país permite redimensionar a importância dessa publicação no panorama da ficção brasileira, que dava suas primeiras mostras nos anos de 1830. A partir da recepção desse romance, a produção ficcional local se dinamizou significativamente. Agentes como o editor do *Jornal do Commercio*, Junius Villeneuve, e o editor e livreiro Baptiste-Louis Garnier foram centrais na constituição de um mercado em torno da literatura no Brasil, o que favoreceu a criação de obras originais por autores brasileiros e a tradução de obras estrangeiras, fomentada pelo sucesso dos romances-folhetins. Diante das implicações da tradução e da circulação internacional de obras na consagração de autores e na elaboração das literaturas nacionais, este artigo tem como objetivo verificar aspectos da trajetória de Alexandre Dumas e de sua inserção no espaço literário brasileiro por meio das ações de editores e livreiros, como Villeneuve e Garnier, e observar o impacto dessa presença na nascente produção ficcional brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Alexandre Dumas; Baptiste-Louis Garnier; imprensa; tradução; ficção.

⁹⁵ Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas – Brasil, com período sanduíche na Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines – França. Realizou estágio pós-doutoral na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Brasil, e estágio de pesquisa na Université Paris Nanterre – França, pelo programa de Bolsa Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE), da FAPESP. Professora Adjunta na Universidade Federal de Goiás – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0614-7356>. E-mail: valcrisbr@gmail.com

⁹⁶ Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Brasil, com período de cotutela na Université Paul Valéry - Montpellier III – França. Doutora em Literatura Francesa pela Université de Montpellier II - França, com período de cotutela na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Brasil. Professora Adjunta da Universidade Federal de Goiás – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-6727-8224>. E-mail: priscilagimenezufg@gmail.com

ABSTRACT: *Le Capitaine Paul*, by Alexandre Dumas, was the first newspaper serial novel ever to be translated into Portuguese in Brazil. It was published in 1838. Studying the context for the launch of the new genre in the country allows us to reconsider the importance of this publication in the landscape of Brazilian fiction, the first samples of which were produced in the 1830s. Based on the reception of this novel, local fiction production grew significantly. Agents like the editor of *Jornal do Commercio*, Junius Villeneuve, and publisher-bookseller Baptiste-Louis Garnier were key to the constitution of a market around Brazilian literature, which favored the creation of original works by Brazilian authors and the translation of foreign works spurred by the success of serial novels. Considering the implications of translation and the international circulation of works in consolidating the success of authors and developing national literatures, the goal of this article is to verify aspects of Alexandre Dumas's career and his insertion in the Brazilian literary field through the actions of publishers and book-sellers, such as Villeneuve and Garnier, and to note the impact of his presence amidst the nascent Brazilian production of fiction.

KEYWORDS: Alexandre Dumas; Baptiste-Louis Garnier; press; translation; fiction.

1. INTRODUÇÃO

Alexandre Dumas continua exercendo grande fascínio entre os leitores e espectadores da atualidade. Os seus romances estão nos catálogos das mais variadas editoras, em edições originais e adaptadas, para atender o interesse do leitor dileitante ou do público escolar. As linguagens também variam, com versões em cordel (SANTOS, 2000), em quadrinhos e, sobretudo, cinematográficas. O cinema não cansa de levar para as telas as histórias desse romancista francês.

No entanto, o mesmo prestígio que Dumas tem e teve junto ao público não corresponde à sua recepção pelos críticos. Em muitos momentos de sua carreira, o escritor foi detratado, principalmente em razão de seus romances, ainda que seu teatro tenha recebido grandes elogios dos mais respeitados críticos da época, como Jules Janin, crítico teatral do *Journal des débats*, dentre outros, que também não deixou de atacar algumas de suas produções. Ao longo do século XX, os livros de história literária, os manuais de ensino e as antologias praticamente ignoraram Alexandre Dumas que aparece apenas em breves referências aos seus dramas, especialmente *Antony* (LANSON, s/d; LAGARDE & MICHARD, 1985; FAGUET, s/d).

Um dos principais fatores que fizeram sua obra ser depreciada ou desdenhada pela crítica diz respeito justamente ao sucesso de Dumas junto ao público e à quantidade de romances que escreveu para atender à avidez dos editores e dos leitores. O polêmico panfleto de Charles Jacquot, mais conhecido como Eugène de Mirecourt, ilustra o tipo de crítica destinado aos romancistas populares da época, acusados de produzirem uma espécie de literatura industrial, dado o regime intenso de escrita, que contava, muitas vezes, com colaboradores (MOLLIER, 2018). Para Mirecourt, as criações de Dumas provinham de uma “boutique universal de peças, de romances e de folhetins, a qual será conhecida pela posteridade, nós assim o esperamos, sob a razão comercial *Dumas e companhia*” (MIRECOURT, 1845).⁹⁷ Quanto à história literária, para citar um exemplo, Émile Faguet, ao redigir *Dix-neuvième siècle: études littéraires*, publicado em 1885, quinze anos após a morte de Dumas, justificou a escolha dos dez escritores representativos desse século: “São apenas dez estudos sobre os escritores mais dignos de um exame atento” (FAGUET, s/d).⁹⁸ Dumas não foi considerado merecedor de figurar em seu estudo.

Contudo, a permanência de Dumas no final do Oitocentos e ao longo do século XX, seguida de sua consolidação na posteridade, simbolizada por sua entrada no Panteão de Paris em 2002, é resultado de uma série de ações, muitas realizadas pelo próprio escritor, mas também por outros agentes, como os seus pares, os empresários teatrais, os editores, com o fim de garantir o seu reconhecimento literário. Depois de colaborar anonimamente com algumas peças, representadas em teatros menores, Dumas decidiu que sua estreia se daria na prestigiada Comédie Française, o que de fato ocorreu, graças a contatos com pessoas influentes, em 10 de fevereiro de 1829, com a representação de

⁹⁷ “[...] boutique universelle de pièces, de romans et de feuilletons, laquelle à l’avenir sera connue, nous l’espérons bien, sous la raison commerciale Dumas et compagnie”. As citações de obras em língua estrangeira indicadas nas Referências foram traduzidas pelas autoras.

⁹⁸ “Ce ne sont que dix études sur les écrivains les plus dignes d’un examen attentif”.

Henri III et sa cour (LEDDA, 2014). Durante seu exercício como dramaturgo, predominante no início de sua carreira, Dumas ampliou sua rede de relacionamento com os mais notórios literatos, entre eles Charles Nodier e Victor Hugo, por meio dos quais tentou se aproximar da Academia Francesa, visando sua aceitação na reputada instituição, o que nunca aconteceu.

Em 1859, Dumas vendeu ao renomado editor Michel Lévy – após sete anos de conturbados processos por disputas de direitos autorais e de impressão – a integralidade de sua obra e tudo o que ainda iria produzir. Mais do que os 120.000 francos que Dumas recebeu com a assinatura dos tratados com esse editor, o acordo permitiria ao escritor legar para a posteridade edições de suas obras completas com o selo Lévy, editor responsável pela publicação de escritores que se tornariam consagrados, como Honoré de Balzac, Victor Hugo, George Sand, Gustave Flaubert, dentre outros (MOLLIER, 1984). As ações em torno da carreira de Dumas, entre êxitos e fracassos, foram ao final bem-sucedidas, como atestam as palavras de Victor Hugo, mestre da geração, que, por ocasião da morte do estimado amigo, resumiu nos seguintes termos a notoriedade por ele alcançada:

Nenhuma popularidade, neste século, excede à de Alexandre Dumas; seus sucessos são mais que sucessos, são triunfos [...]. O nome de Alexandre Dumas é mais que francês, é europeu; é mais que europeu, é universal. Seu teatro esteve em cena no mundo inteiro; seus romances foram traduzidos em todas as línguas (HUGO, s/d, p. 34).⁹⁹

Para a construção da notoriedade dos escritores, além dessas iniciativas de literatos e de agentes próximos, não se pode negligenciar também o papel da

⁹⁹ “Aucune popularité, en ce siècle, n’a dépassé celle d’Alexandre Dumas ; ses succès sont mieux que des succès, ce sont des triomphes [...]. Le nom d’Alexandre Dumas est plus que français, il est européen ; il est plus qu’européen, il est universel. Son théâtre a été affiché dans le monde entier ; ses romans ont été traduits dans toutes les langues”. Carta destinada a Dumas Filho por ocasião da transferência do corpo de Dumas Pai ao cemitério de Villers-Cotterêts em 16 de abril de 1872.

tradução, que permite a difusão internacional de obras e a designação dos autores enquanto universais, critério fundamental para seu reconhecimento e para o ingresso de suas obras no cânone.

A circulação em outros países provoca desdobramentos também na literatura local. Desse modo, este artigo se propõe a verificar a inserção de Dumas no Brasil por meio da tradução de *Le Capitaine Paul* assim como a averiguar a difusão de suas obras posteriores no país, mediante a ação de dois editores, Junius Villeneuve e Baptiste-Louis Garnier, com a finalidade de examinar o impacto dessas obras na propagação de romances estrangeiros em língua portuguesa no país e na nascente produção ficcional brasileira e de observar a participação do Brasil no espaço internacional de circulação de obras e de consagração de autores.

2. A TRADUÇÃO COMO PROMOTORA DE AUTORES E FORMAS DE ESCRITA

Em meio a uma intensa produção e reprodução transnacional de notícias, atualidades, ficção, críticas e crônicas, a tradução se constitui como instrumento e requisito de intermediação de diversos gêneros textuais dos periódicos, consolidados pela imprensa moderna. Conforme Esteves (2014) ressalta, embora “inquestionável”, o lugar da tradução em nossa historiografia e crítica literária ainda é bastante ofuscada. Novos estudos têm iluminado a trajetória da tradução ligada ao campo da literatura e da imprensa no século XIX brasileiro, porém é grande o número de títulos, periódicos e tradutores a serem ainda investigados.

No âmbito deste estudo, retomamos um marco da história da imprensa e da literatura brasileira, a publicação do primeiro romance-folhetim no país, *O Capitão Paulo*, de Alexandre Dumas, traduzido do francês para o português e lançado no *Jornal do Commercio* entre 31 de outubro e 27 de novembro de 1838,

fato que nos parece iluminar a constituição do campo literário nacional para além de uma abordagem convencional em consonância com o cânone.

Sendo um romance-folhetim advindo da matriz francesa, na qual esse gênero já havia sido incorporado desde 1836, a tradução do romance de Alexandre Dumas instalou o gênero no jornal brasileiro e chegou às páginas do *Jornal do Commercio* revestido de capital cultural e simbólico das práticas culturais e redacionais da mídia impressa desenvolvida nos prelos franceses. Introduzido e aclimatado na imprensa brasileira, marcas desse estilo de escrita da ficção, como temáticas, linguagem, formatação e estratégias redacionais da intriga, instauraram-se igualmente, contribuindo para a constituição da jovem literatura brasileira em formação.

Para a compreensão de nossa ficção, transpondo o discurso sobre a identidade e as paisagens nacionais, deve-se atentar a três outros movimentos do campo literário internacional em vigor naquele momento: a associação da literatura à imprensa periódica – e vice-versa –, a busca de maior público leitor – consumidor dos impressos, periódicos e livros – e o fascínio que muitas narrativas de romances-folhetins atingiram tanto no Velho como no Novo Mundo, haja vista os heróis desses romances-folhetins imortalizados, como D'Artagnan, o Conde de Monte Cristo (Edmond Dantès) e Rocamboles, para citar alguns exemplos dos personagens de maior sucesso por aqui.

A consolidação da imprensa moderna e da produção literária em muitos espaços – culturais e nacionais – deu-se em virtude do teor literário dos periódicos e das traduções neles contidas, que permitiram assimilações de forma e conteúdo, de gêneros e poéticas transnacionais (KALIFA; RÉGNIER; THÉRENTY; VAILLANT, 2011). Nesse movimento e por meio da circulação da ficção, para além das fronteiras, a tradução exerceu um papel-chave, atuando, muitas vezes, como condição da efetiva mediação e transferência das práticas da mídia impressa e do próprio estabelecimento dos títulos ficcionais

internacionais que circularam e eram consumidos, em folhetim e em livro, em cada comunidade cultural e/ou nacional. Segundo Pascale Casanova, a tradução “é uma forma de reconhecimento literário e não uma simples troca de língua” (2008, p. 199). Tal reconhecimento também se dá devido à atuação das forças dos capitais simbólico e econômico existentes no campo literário (BOURDIEU, 2001).

É fácil pensar essa relação quando se trata da legitimação de autores ou de obras advindos de um espaço literário menos privilegiado, traduzidos para uma língua ou região que se instituiu como uma zona prioritária do campo literário internacional – ou que se constitui enquanto Meridiano de Greenwich da criação literária, segundo denominação de Casanova. O reconhecimento de um determinado autor se dá não só, mas principalmente, pela própria tradução da obra para o idioma do centro do campo literário internacional. Alguns exemplos concretos de autores traduzidos mostram bem isso, como Jorge Luís Borges, Garcia Lorca, Machado de Assis, escritores que detêm prestígio no campo internacional a partir de suas traduções, para o inglês e francês, assim como os vários escritores africanos que optam por se expressar em francês ou inglês, ao invés de suas línguas nativas, e que são publicados por grandes editoras.

Contudo, pensar no movimento contrário, quando autores ou obras provenientes de culturas consideradas como centrais são traduzidos no contexto de campos literários menos prestigiados ou em formação, significa refletir sobre os aspectos existentes em torno de seu reconhecimento e da corroboração dessa notoriedade por meio de sua repercussão internacional, suscitada por sua difusão também em países dotados de menor prestígio no espaço literário mundial.

Ainda segundo Casanova, as produções literárias em língua francesa dos séculos XIX e XX, bem como as de língua inglesa, atingem o *status* de referência

por se situarem nos centros da vida cultural e literária em voga. Comparativamente com os termos de Bourdieu, é como se o poder simbólico dos capitais adquiridos por tais obras e autores, que se expressam nos idiomas dessas zonas centrais, impelisse sua disseminação nos diversos espaços do campo literário internacional. Esse movimento do centro em direção a espaços menos prestigiados demanda, então, observar os efeitos que a recepção dessas obras, sobretudo pelas versões traduzidas, pode gerar no campo literário nacional e no mercado que as recebe, considerando que tal ‘economia das letras’ é dinâmica e está em constante adaptação.

3. DO ORIGINAL À TRADUÇÃO DE O CAPITÃO PAULO NO BRASIL: EFEITOS SOBRE A FICÇÃO BRASILEIRA

Publicado originalmente no diário parisiense *Le Siècle*, de 30 de maio a 23 de junho de 1838, *Le Capitaine Paul*, de Alexandre Dumas, foi reproduzido em versão original cerca de três meses depois de seu lançamento, entre 8 de setembro e 12 de outubro, em *L'Écho Français: bulletin politique, commercial et littéraire, des sciences et des arts*, jornal em língua francesa publicado no Rio de Janeiro por Junius Villeneuve. Naquele mesmo ano, pouco mais de cinquenta dias depois de o *Écho* reproduzi-lo, o *Jornal do Commercio* incorporou em definitivo a ficção em suas páginas, inaugurando a publicação de romances-folhetins com esta narrativa em série – meio histórica, meio romântica – de Alexandre Dumas, em versão traduzida, veiculada de 31 de outubro a 27 de novembro.

Junius Villeneuve já era, à época, também proprietário da Tipografia Imperial e Constitucional e do diário *Jornal do Commercio*. Naturalmente, a publicação de *Le Capitaine Paul* no *Écho* e, em seguida, no *Jornal do Commercio* em português não foi uma coincidência. A publicação da versão original desse romance antes de sua tradução ocorreu, provavelmente, a fim de que houvesse tempo hábil para a conclusão do trabalho tradutório, enquanto a direção de

ambos os periódicos avaliava o interesse do público leitor naquele tipo de conteúdo de entretenimento (GIMENEZ, 2017, p. 80-81). O momento inaugural pelo qual passava a produção de ficção no Brasil proporcionou um campo fértil para o empreendimento e a experimentação do romance-folhetim por Junius Villeneuve, que adotou ainda o protocolo de publicação de romances seguido na França ao imprimir pela tipografia do *Jornal do Commercio*, em edições em livro, os folhetins saídos nesse jornal. Essas versões eram algumas vezes adaptadas ao ambiente brasileiro, como nota Lúcia Granja (2011).

O Capitão Paulo, romance-folhetim de Alexandre Dumas traduzido para o português, é uma narrativa que encontra sua importância na história cronológica da imprensa e da literatura brasileiras, sendo uma das primeiras referências textuais em português do gênero em questão. Antes disso, a ficção não só já circulava em volumes traduzidos como também começava a ganhar espaço nos periódicos (SILVA, 2009). Constatando o filão, Justiniano José da Rocha passou a publicar em 1836, nas colunas de seu jornal *O Chronista*, contos, crônicas e traduções desses gêneros bem como de trechos de romances-folhetins. Contudo uma composição folhetinesca seriada só apareceria integralmente traduzida em 1838, quando o *Jornal do Commercio* lançou *O Capitão Paulo* nas colunas da primeira página, na rubrica “Variedades”, que abria o jornal nos dias sucessivos de aparição dessa ficção. A tradução, portanto, não foi publicada no rodapé da primeira página, no espaço exclusivo do folhetim, mas ascendeu ao alto da página, ocupando, no mínimo, três das quatro colunas do periódico nos dias em que foi publicado. Já o romance-folhetim seguinte, *Edmundo e sua filha*, de Paul de Kock, publicado de 4 a 12 de janeiro de 1839 (HEINEBERG, 2004, p. 7), a exemplo das centenas de narrativas que se sucederam ao longo do século, apareceu inteiramente no rodapé do diário, de acordo com o formato característico do gênero.

De Dumas pai, o *Jornal do Commercio* publicou ainda nas décadas seguintes outros vinte e dois romances-folhetins, tendo tido sete deles continuação, segundo os dados de Heineberg (2004):

1838	O Capitão Paulo
1839	Paulina; Othon, o arqueiro; Mestre Adam, o calabrês; Lenda de Pedro, o cruel
1840	Pascoal Bruno; D. Martim de Freitas
1844	A Capela gótica; Gaetano Sferra; O Conde de Mansfeldt
1845	O Conde de Monte Cristo; O Conde de Monte Cristo (continuação); A rainha Margaridita
1846	A rainha Margaridita (continuação); O Conde de Monte Cristo (continuação); A Dama de Monsoreau; O Cavalheiro de Maison-Rouge
1847	O Cavalheiro de Maison-Rouge (continuação)
1848	Os Quarenta e cinco
1851	A Tulipa preta; Deus dispõe
1852	Deus dispõe (continuação); Deus e o diabo
1853	O Pajem do duque de Sabóia; O Pajem do duque de Sabóia (continuação)
1858	O Caçador de Selvagina, O Horóscopo
1859	O Horóscopo (continuação)

1863	A San Felice
1864	A San Felice (continuação)
1865	A San Felice (continuação)

Além do destaque do *Capitão Paulo* na ‘economia do jornal’, tendo ocupado quase toda a primeira página durante sua publicação, a constatação de seu sucesso entre os leitores parece ter gerado efeitos sobre a dinamicidade da produção ficcional nacional. Segundo apontam os dados apresentados por Sales (2005) em sua *Cronologia da Ficção Brasileira*, pouquíssimas foram as ficções de autores brasileiros publicadas no Brasil até 1838. Entre 1822 e 1837, apenas seis títulos foram repertoriados.¹⁰⁰ Diferentemente, apenas no ano de 1838 consta o lançamento de cinco títulos,¹⁰¹ seguidos de seis novos títulos em 1839, sendo cinco deles romances-folhetins publicados no *Jornal do Commercio*.¹⁰² Em 1840 e em 1843, outros cinco romances, em cada ano, foram listados,¹⁰³ muitos

¹⁰⁰ *Niterói: metamorfose do Rio de Janeiro* (Januário da Cunha Barbosa, 1822); *Statira, e Zoroastes* (Lucas José d’Alvarenga, 1826); *Januário Garcia ou as sete orelhas* (Joaquim Norberto de Sousa Silva, 1832); *A rusga na praia grande ou o quixotismo do general das massas* (Januário da Cunha Barbosa, 1834); *Um primeiro amor e Luísa* (João Manuel Pereira da Silva, 1837). Fonte: Caminhos do Romance, <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/>.

¹⁰¹ *Lembrança saudosa* (Ana Eurídice Eufrosina de Barandas, 1838); *Amor, ciúme e vingança*. Novela Brasileira (João Manuel Pereira da Silva, 1838-1839); *Os três desejos e Mariana* (Firmino Rodrigues da Silva, 1838); *Sonho* (Firmino Rodrigues da Silva, 1838); *Um Primeiro Amor* (João Manuel Pereira da Silva, 1838). Fonte: Caminhos do Romance, <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/>.

¹⁰² *O aniversário de D. Miguel* (João Manuel Pereira da Silva, 1839); *Religião, amor e pátria* (João Manuel Pereira da Silva, 1839); *Os assassinos misteriosos, ou a paixão dos diamantes* (Justiniano José da Rocha, 1839); *A revelação póstuma* (Francisco de Paula Brito, 1839); *A mãe-irmã* (Francisco de Paula Brito, 1839); *O enfeitado* (Francisco de Paula Brito, 1839). Fonte: Caminhos do Romance, <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/>.

¹⁰³ *Jerônimo Corte Real* (João Manuel Pereira da Silva, 1840); *O descobrimento do Brasil* (Francisco Adolpho de Varnhagen, 1840); *O sedutor* (autoria atribuída a João José de Souza e Silva, 1840); *Heróides de Olímpia e Herculano, jovens brasileiros ou o triunfo conjugal* (Ovídio Saraiva de Carvalho e Silva, 1840); *Virginia ou a vingança de Nassau e O sedutor* (João José de Souza e Silva Rio, 1840). *O filho do pescador, romance original brasileiro* (Teixeira e Sousa, 1843); *La Americana y la Europea* (Antônio Deodoro de Pascual, 1843); *Maria ou vinte anos depois* (Joaquim Norberto, 1843-1844); *Um roubo na Pavuna* (Luís da Silva de Azambuja Susano,

deles tendo sido igualmente publicados em periódicos. Já em 1841 constam apenas dois livros¹⁰⁴ e não há registros para o ano de 1842.

Esses dados demonstram o quão incipiente era nossa produção ficcional quando o romance-folhetim por aqui se aclimatou. Tanto que, após o marco de *O Capitão Paulo*, das mais de cem ficções em folhetim publicadas entre 1838 e 1844 no *Jornal do Commercio*, para tomarmos apenas um exemplo de periódico, cinco romances foram escritos por brasileiros e outros dezoito títulos são de autores anônimos, podendo estes serem brasileiros ou não, conforme dados fornecidos por Heineberg (2004).¹⁰⁵ Tal interstício justifica-se diante de outro marco para nossa ficção, ocorrido em 1844: a publicação em livro de *A Moreninha*, de Joaquim Manoel de Macedo. E outros momentos de destaque de nossos romance e ficção viriam posteriormente com as produções de Manoel Antônio de Almeida e José de Alencar, nos anos de 1850, e Machado de Assis, a partir de 1870, como bem sabemos.

Qual teria sido, portanto, o impacto das traduções de romances-folhetins – que tiveram propagação no Brasil a partir da publicação de *O Capitão Paulo* –

1843); *Um primeiro amor* (João Manuel Pereira da Silva, 1843). Fonte: Caminhos do Romance, <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/>.

¹⁰⁴ *Mosteiro de Belém* (Francisco Adolpho de Varnhagen, 1841); *As duas órfãs* (Joaquim Norberto, 1841). Fonte: Caminhos do Romance, <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/>.

¹⁰⁵ Considerando a cronologia de romances-folhetins publicados no *Jornal do Commercio* apresentados por Ilana Heineberg (2004), os referidos romances-folhetins seriam: *O Aniversário de D. Miguel em 1828*, (João Manuel Pereira da Silva, 1839); *Religião, amor e pátria* (João Manuel Pereira da Silva, 1839); *A Paixão dos diamantes* [Os assassinos misteriosos] (Justiniano José da Rocha, 1839); *O Pontífice e os carbonários* (Paula Brito, 1839); *Jerônimo Corte Real, Crônica portuguesa do século XVI* (João Manuel Pereira da Silva, 1840). Além desses, há também *O Filho do pedreiro* (Hippolyte Taunay, 1840). Taunay era um escritor e desenhista francês vindo com a Missão Francesa; os dados, contudo, não explicam se esse romance teria sido escrito originalmente em francês ou português. Os de autores anônimos são os seguintes: *O Mestre assassino, Crônica dos Templários, A Filha do negociante, Os Assassinos do rei, A Ressurreição de amor, Crônica rio-grandense, Mestre Gil, Crônica do século XV, A Abóbada, Crônica monástica portuguesa* (todos de 1839); *O Diário de um médico, O homem político, Manuel el chato, ou O Contrabandista espanhol* (publicados em 1840); *A Constância do amor, Berta* (ambos de 1841); *Pedro*, romance original, *O Noivo além-túmulo, Carlota de Leymon, Quinta para vender* (de 1842); *Uma Duquesa de Florença 1578-1579*, romance original (1843).

e das práticas redacionais transnacionais na nascente produção ficcional brasileira?

Diferentemente das obras pensadas e elaboradas para serem publicadas em livro, o romance-folhetim se estabeleceu como uma ficção dinâmica e sedutora. A própria periodicidade, a formatação e a materialidade desse tipo de publicação já tornavam tal ficção mais atrativa ao leitor. A continuidade da narrativa, publicada diariamente ou no intervalo de alguns dias, gerava grande expectativa no público, que dependia dos números seguintes do periódico para acompanhar a história, daí a referência ao gênero como “narrativas em fatias” (MEYER, 2005, p. 49). Os aspectos gráficos da visibilidade do folhetim no rodapé do jornal também era um fator que atraía os olhos do leitor, que ali distinguia facilmente a estrutura textual do alto da página em relação ao rodapé, devido aos desenhos gráficos dos abundantes diálogos e dos parágrafos mais curtos da ficção, se comparados aos artigos de opinião. Além disso, ali eram dadas narrativas com temas históricos, de aventuras, vingança, amores impossíveis e, mais tarde, com temas urbanos, que começaram a retratar figuras mais próximas à realidade e ao cotidiano. A leitura do romance-folhetim no rodapé era ainda envolvente porque, sendo ficção, o texto pressupunha um narrador que se apropriava da liberdade de valer-se de um tom mais leve, em comparação com o alto da página. O narrador muitas vezes se aproximava do leitor por meio de estratégias como interpelações, digressões e explicações metalinguísticas, recursos que já eram adotados por narrativas anteriores, mas que se intensificaram e adquiriram características próprias a partir da estreia do romance-folhetim nos jornais. Do mesmo modo, não raro eram tecidas narrativas com redes de intrigas complexas, as quais também cativavam os seguidores da história, consumidores das versões em periódicos e livros.

O êxito dessas fórmulas é atestado pela sua replicação nos diferentes romances e pela ampla tradução de que foram objeto. Prova disso, por exemplo, são as muitas traduções dos *Mystères de Paris* (1844), de Eugène Sue, para o

inglês, espanhol, italiano, português e russo, e os inúmeros “Os Mistérios de ...” recriados em diversos países a partir dos *Mystères de Paris*, como, para mencionar apenas os casos da língua portuguesa, *Os Mistérios de Lisboa* (1854), de Camilo Castelo Branco, publicado em Portugal; *Os Mistérios do Rio de Janeiro* (1881), de José da Rocha Leão, *Os Mistérios da Tijuca* (1882), de Aluísio Azevedo, e *Os Mistérios da Roça* (1861), de Vicente Félix de Castro, no Brasil (THÉRENTY, 2013; SCHAPOCHNIK, 2010). Esses exemplos indicam que o romance-folhetim francês interferiu na composição do romance brasileiro, seja em obras que faziam abertamente referência aos romances de sucesso, seja naquelas consideradas como representativas da literatura nacional, que precisam ser relidas atentando para o contexto em que foram criadas. Os romances de Dumas certamente contribuíram para a concepção da ficção nacional, uma vez que predominaram na cena literária nos anos em que a narrativa brasileira desabrochava, como revelam dados da atuação de Baptiste-Louis Garnier.

4. BAPTISTE-LOUIS GARNIER E AS OBRAS DE ALEXANDRE DUMAS NO BRASIL

Nesse período de expansão das letras no Brasil, o país atraiu livreiros estrangeiros, que buscaram investir num mercado que se anunciava promissor. Quando Baptiste-Louis Garnier se instalou no Rio de Janeiro, em torno de 1844, tinha por objetivo trabalhar em parceria com seus irmãos editores de Paris, como atesta a razão social “Garnier Irmãos” que o livreiro adotou até 1852, ano em que passou a designar sua empresa como Livraria de Baptiste-Louis Garnier (HALLEWELL, 2012). Os editores parisienses estavam de olho no mercado lusófono e hispanófono, traduzindo e imprimindo muitas vezes em Paris mesmo os livros que venderiam pela Europa e na América Latina (COOPER-RICHET, 2009; 2011). Coincidindo com o início da atuação de Baptiste-Louis Garnier no Brasil, Dumas enviou a seguinte correspondência a um dos irmãos do editor atuantes em Paris:

Meu caro Garnier,

Faça para mim, por favor, essa promissória por menos de três meses.

E quanto ao nosso negócio português?

Você deseja se encarregar da venda dos 4 volumes?

Venha então me ver e nós discutiremos sobre todos os nossos negócios.

Seu,

Al. Dumas¹⁰⁶ (Apud BASSAN, 2008).

De acordo com Fernande Bassan, os editores Garnier, da França, foram responsáveis pela publicação de duas obras de Dumas, a primeira edição de *La Reine Margot*, em seis volumes em 1845, e *Impressions de voyage. De Paris à Cadix*, em cinco volumes, de 1847 a 1848. Para o estudioso, o negócio português referido na correspondência diria respeito à tradução de uma obra de Dumas para o português. A carta poderia assim sugerir uma parceria entre os Garnier da França e o irmão recém-instalado no Brasil para a venda de uma edição traduzida de Dumas. No entanto, não constam no mais recente volume de correspondências do escritor outros elementos que confirmem essa hipótese (DUMAS, 2014).¹⁰⁷

¹⁰⁶ Mon cher Garnier,/Faites-moi je vous prie ce billet à moins de trois mois./Eh bien, notre affaire portugaise ?/Voulez-vous vous charger de la vente de 4 volumes ?/Venez donc me voir que nous causions de toutes nos affaires./À vous,/Al. Dumas. Bassan informa que a carta foi escrita entre 1845 e 1848.

¹⁰⁷ A tradução intitulada *A Rainha Margot* foi publicada no folhetim do *Diário de Pernambuco* entre 1845 e 1846. Edições em volume foram anunciadas nesse jornal após o término dos capítulos do folhetim. Em 1849, uma edição traduzida foi anunciada no jornal *A Ordem*, da Paraíba. Não localizamos nos jornais da década de 1840, disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira, anúncios de traduções de *Impressions de voyage. De Paris à Cadix*.

Apesar da existência de traduções circulando no país nas primeiras décadas do século XIX, o cenário do mercado de livros no Brasil nos anos de 1840 era constituído principalmente pela oferta de romances em língua francesa. A fim de ampliar o público e as vendas, os editores atuantes no país passaram então a oferecer traduções dos romances de Dumas e de outros autores de sucesso desse tempo, como Eugène Sue.

A popularidade de Dumas entre o público leitor brasileiro pode ser constatada na publicidade feita pelos livreiros e editores que atuavam no Rio de Janeiro. Os anúncios do *Jornal do Commercio* e do *Diário do Rio de Janeiro* publicados entre 1845 e 1861 revelam a ampla presença dos romances de Dumas na corte, em língua original ou traduzidos. Ao longo dessas décadas, as obras desse escritor permaneceram como as mais anunciadas por livreiros do Rio de Janeiro. Os anúncios apontam para a variedade de ofertas e para o prestígio de Dumas entre livreiros e leitores. Um aspecto para a identificação desse destaque é a maneira como os romances de Dumas eram apresentados, iniciando, muitas vezes, a lista de livros anunciados, de diferentes autores; outra característica é a forma como aparece o nome de Dumas, em letras garrafais, ou ainda a existência de comentários elogiosos nos anúncios, como este veiculado no *Jornal do Commercio* em 15 de outubro de 1858: “O nome do autor dispensa todas essas obras de todos os comentários possíveis, cada um sabe o interesse que se experimenta ao ler os romances de Alexandre Dumas”.¹⁰⁸

Dentre os romances traduzidos em português mais anunciados aparecem *Os Três Mosqueteiros* e suas sequências *Vinte anos depois* e *O visconde de Bragelonne*; *O Conde de Monte Cristo*; *O cavalheiro da Casa Vermelha*; *Gabriel Lambert*¹⁰⁹; *Pascal Bruno*; *Deus dispõe*; *Capitão Paulo*; *Os filhos da Madona*,

¹⁰⁸ O anúncio foi originalmente redigido em língua francesa: “Le nom de l’auteur dispense tous ces ouvrages de tous les commentaires possibles, chacun sait l’attrait que l’on éprouve à lire les romans d’Alexandre Dumas, romans toujours intéressants”.

¹⁰⁹ *Gabriel Lambert*, cuja tradução foi publicada no periódico *A Nova Minerva*, teve sua edição em livro colocada em subscrição, conforme anúncio de *Jornal do Commercio* de 1º de agosto de

dentre outros. A permanência desses e de outros títulos do escritor ao longo de décadas aponta para o interesse do público brasileiro por esses romances.

Os anúncios da livraria Garnier das décadas de 1840 e 1850 e seus catálogos da década de 1850 indicam a predominância de obras francesas em língua original vendidas pelo livreiro, mas, diante do meio disputado que se tornava o comércio de livros na corte, Garnier verificou a necessidade de oferecer também versões em português dos romances de Dumas.

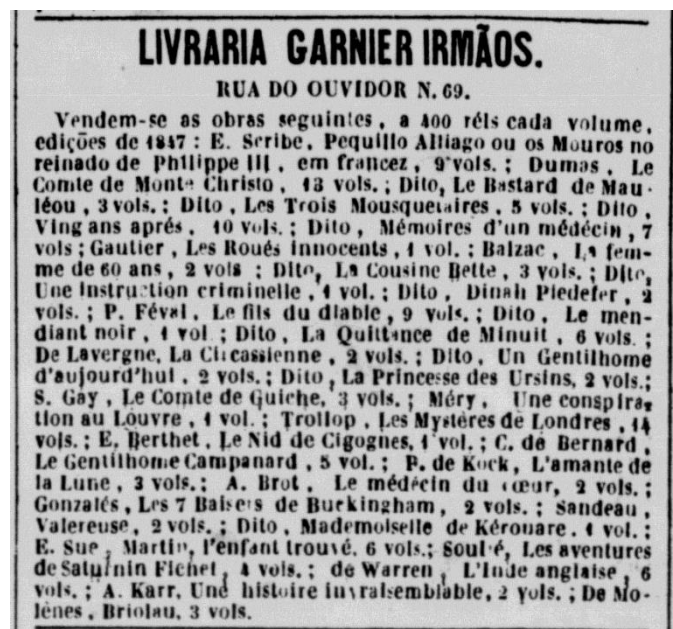


Figura 1: Anúncio do *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 9 ago. 1847, p. 4.

1846, n. 211. O romance poderia ser subscrito nas casas Garnier, Laemmert, Paula Brito, dentre outras. A subscrição era uma prática comum nas décadas de 1840 e 1850 para dar publicidade aos livros sem incorrer em prejuízos, uma vez que os volumes eram vendidos antes de serem impressos. Após a impressão, *Gabriel Lambert* ficou disponível para a venda a demais interessados na livraria de Garnier Frères, que por essa época comercializava principalmente as versões francesas dos romances de Dumas.

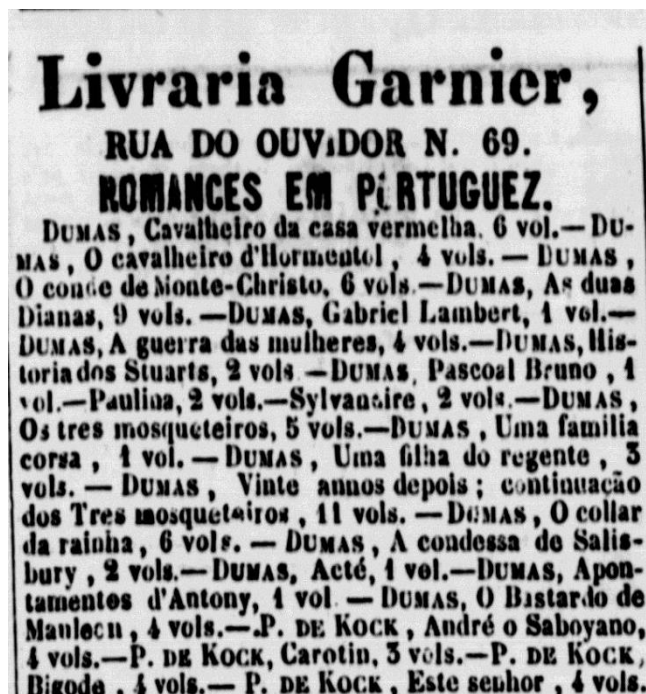


Figura 2: Detalhe de anúncio do *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 27 jul. 1851, p. 4.

Analisando, por meio da base de dados CiTrIm (Circulação Transatlântica dos Impressos), os catálogos da livraria Garnier publicados entre 1857 e 1876, verificamos um total de 157 títulos comercializados por Garnier ao longo desse período, dos quais 69 em língua francesa e 88 em versões em língua portuguesa. Os exemplares importados em língua original concentram-se sobretudo no catálogo de 1857, intitulado “Catalogue de la librairie de Baptiste-Louis Garnier à Rio de Janeiro, n^o 10, Nouvelles et romans. Variétés”. Já os romances anunciados em língua portuguesa se encontram em grande parte, 62 títulos no total, em um catálogo da década de 1870, período em que, com o declínio do autor na década de 1860 (MENDES, 2016), poderia ter havido um arrefecimento do interesse por sua obra. Verificando a relação de Dumas com todos os autores e obras anunciados por Garnier entre os anos mencionados, obtivemos o seguinte gráfico:

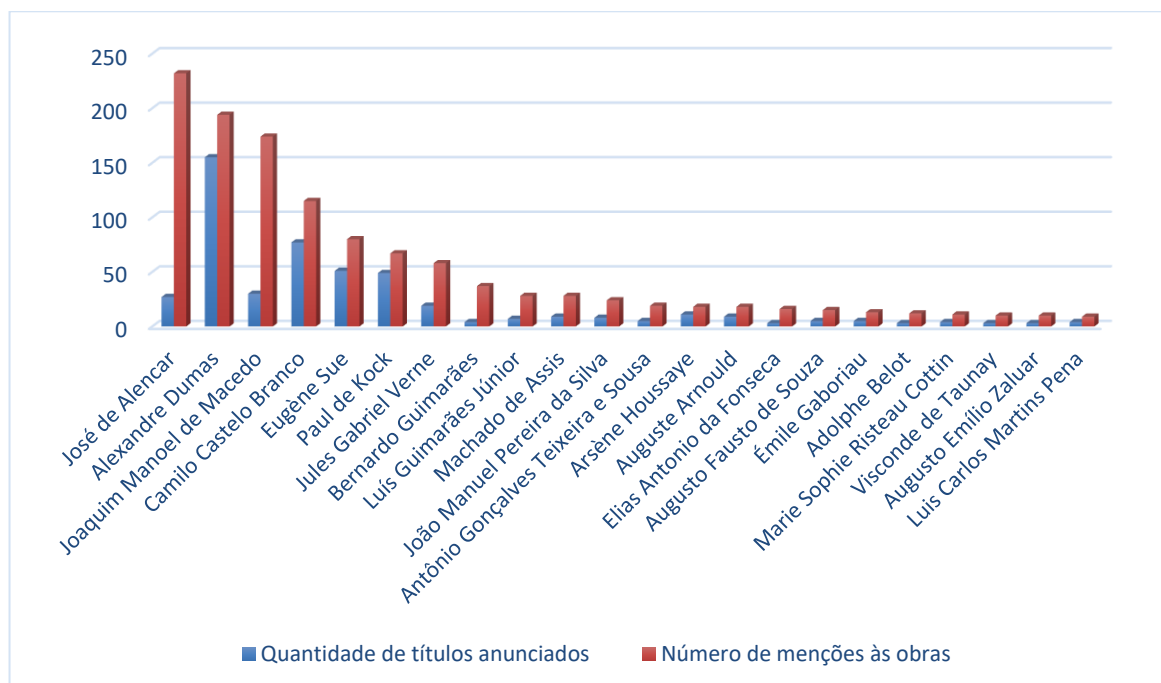


Gráfico 1: Autores mais anunciados nos catálogos da livraria de Baptiste-Louis Garnier. Esse gráfico foi originalmente concebido para estudo sobre a constituição da literatura brasileira em contexto internacional (BEZERRA, 2018).

Assim como nos anúncios de jornais das décadas de 1840 e 1850, Dumas manteve-se como um dos autores mais anunciados nos catálogos de Baptiste-Louis Garnier, precedido apenas por José de Alencar, escritor brasileiro que, na década de 1870, possuía um contrato de exclusividade com esse editor. Enquanto Alencar teve 27 obras anunciadas 232 vezes, Dumas contou com 155 obras, para esse levantamento, anunciadas 194 vezes, o que mostra uma quase equivalência entre a quantidade de títulos e de anúncios (BEZERRA, 2018, p. 38). A pouca insistência na publicidade de cada um dos livros de Dumas deu-se, provavelmente, em decorrência da popularidade do escritor junto ao público brasileiro, bastando, nesse caso, que Garnier referisse quais das obras desse autor dispunha em sua livraria. Já as criações de autores brasileiros tiveram uma insistente publicidade, como demonstra ainda o caso do terceiro colocado da lista, Joaquim Manoel de Macedo, que teve 30 de suas obras anunciadas 174

vezes. Isso atesta a diversificação da atuação de Garnier, que intermediava o contato dos leitores brasileiros com as obras estrangeiras, mas incentivava também a literatura local, firmando contrato com autores e estimulando a sua acolhida por jornalistas, críticos e leitores na corte e nas províncias, ao presentear as redações dos jornais de todo o país com os exemplares saídos de seus prelos.

Importando as obras dos autores estrangeiros apreciados pelos leitores brasileiros e contribuindo para criar a notoriedade dos autores nacionais, Garnier tornava o meio literário brasileiro dinâmico e competitivo. Em meio às novidades literárias estrangeiras e nacionais, percebeu que pouco espaço restava para os escritores do passado, ainda que recente. O auge da carreira de romancista de Dumas ocorreu na década de 1840. Seu renome no exterior estendeu-se ainda por muitos anos, como prova, por exemplo, sua calorosa acolhida durante estada em países como Bélgica, Inglaterra, Rússia e Itália, ou sua celebridade em lugares onde nunca esteve, mas que vislumbrou em alguns de seus livros, como certos países da América do Sul (MOLLIER, 2015). Em todos eles, suas criações permaneciam na memória da população.

No entanto, Garnier entendeu que o autor não valeria maiores investimentos. Apesar de anunciar 62 títulos traduzidos de Dumas no “Catálogo da Livraria de B. L. Garnier, n. 2”, não incluiu nenhuma das obras desse autor em sua empresa de tradução iniciada em 1870, por meio da qual mandou traduzir e imprimir na corte em torno de 80 títulos de diferentes autores estrangeiros, em sua quase totalidade franceses. A estrela do momento era Jules Verne, que teve mais de 20 títulos vertidos por tradutores brasileiros contratados por Garnier. Contudo, o declínio da presença das obras de Dumas e do interesse por parte do público nesse período deve ser relativizado, uma vez que edições do escritor continuaram sendo anunciadas ao longo da década de 1870. Peças de sua autoria eram, inclusive, encenadas nos teatros brasileiros durante esse decênio. Garnier pode ter verificado que novas traduções dos

romances de Dumas seriam inviáveis devido à saturação na oferta das obras do escritor, que dominou o cenário da literatura popular durante mais de duas décadas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto da produção e do sucesso dos romances-folhetins no Brasil, os aspectos discutidos ao longo deste artigo permitem-nos lançar um olhar diacrônico sobre a tradução de romances e sobre a produção da ficção nacional, considerando toda a movimentação literária, de escritores e público leitor, de produção e consumo, tendo em vista a diversidade literária e, naturalmente, os diferentes suportes – jornal, revista, livro – para os quais se produzia literatura.

A nova fórmula da ficção, diretamente ligada aos modernos padrões de escrita da narrativa, nascida no seio dos jornais e revistas, deixou marcas na emergente literatura em prosa brasileira, pela mediação das traduções de romances-folhetins franceses. Seja por criar e evocar heróis, como *O Guarani* (*Diário do Rio de Janeiro*, 1857), seja por retratar a sociedade urbana da época, como em *Memórias de uma sargento de milícias* (*Correio Mercantil*, 1854-1855), a herança das traduções dessas narrativas gerou relíquias de nossa tradição literária, sendo um legítimo legado das transformações trazidas pelas práticas culturais, editoriais e tradutórias das mídias, em consonância com o campo literário internacional, ao longo do século XIX.

A difusão internacional de obras por meio da tradução provoca, portanto, diversos efeitos, como bem notou Pascale Casanova: corrobora o reconhecimento de escritores, reforça a notoriedade da literatura dos países de origem e incrementa a literatura dos países de acolhida. A permanência de Alexandre Dumas ao longo do tempo foi favorecida pela sua vinculação ao espaço literário mundial, do qual o Brasil tomou parte devido à intensa relação que estabeleceu por meio dos impressos e das traduções, seja de obras

estrangeiras, seja dos escritores nacionais. Dumas desempenhou ainda um papel de relevância na produção literária de língua portuguesa no Brasil, uma vez que, após a tradução e publicação, por iniciativa de Junius Villeneuve, de *Le Capitaine Paul*, houve uma nítida ampliação da produção ficcional em português no país, publicada em diferentes jornais no espaço que esse romance inaugurava – as colunas de Variedades, em seguida o folhetim – ou em livro. O momento de expansão do romance brasileiro coincidiu com o período de predomínio dos romances de Alexandre Dumas no mercado de livros, como atestam os anúncios de jornais e os catálogos de livros da Livraria de Baptiste-Louis Garnier, que demonstram as ações comerciais deste livreiro em torno de Dumas. Desse modo, as obras que marcam os avanços da narrativa local certamente lançaram mão das características em voga nos romances desse escritor, que se alastravam no romance contemporâneo, agradando leitores, editores e se constituindo como verdadeiras fórmulas de sucesso para os jornais.

É significativo, portanto, que *O Guarani* e *Memórias de um sargento de milícias*, evocados aqui e considerados representativos do desenvolvimento da literatura nacional, tenham sido publicados em periódicos, recorrendo assim às estratégias ficcionais e editoriais de sucesso na França e em disseminação no globo. O próprio José de Alencar revelou o peso das narrativas francesas em sua formação enquanto romancista, ao informar ter lido, dentre outros, Balzac, Hugo e tudo “o que então havia de Alexandre Dumas” (ALENCAR, 2005, p. 40). A história da literatura brasileira precisa ser revista tendo em conta a diversidade de autores e obras, nacionais e estrangeiros, existente na conformação do repertório literário nacional, perspectiva que revela o impacto de Alexandre Dumas na nascente ficção brasileira.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*. São Paulo: Pontes, 2005.
- BASSAN, Fernande. Quatorze lettres autographes d'Alexandre Dumas Père, une lettre du Marquis de Custine le concernant, conservées à la John Rylands University Library de Manchester. *Revue d'Histoire littéraire de la France*, n° 4, v. 108, p. 945-954. Paris : Presses universitaires de France, 2008. Disponível: <https://www.cairn.info/revue-d-histoire-litteraire-de-la-france-2008-4-page-945.htm>. Acessado em 19/02/2019.
- BEZERRA, Valéria Cristina. *A literatura brasileira em cenário internacional: um estudo do caso de José de Alencar*. Belo Horizonte: Relicário; ABRALIC, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. *Langage et pouvoir symbolique*. Paris : Fayard, 2001.
- CASANOVA, Pascale. *La République mondiale des Lettres*. Paris : Seuil, 2008 [1999].
- COOPER-RICHET, Diana. Paris, capital editorial do mundo lusófono na primeira metade do século XIX? *Varia*, v. 25, n° 42, p. 539-555. Belo Horizonte, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 2009. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/vh/v25n42/a09v25n42.pdf>. Acessado em 10/02/2019.
- COOPER-RICHET, Diana. La presse en langue étrangère. In : KALIFA, Dominique; RÉGNIER, Philippe; THÉRENTY, Marie-Ève; VAILLANT, Alain (Orgs.). *La civilisation du journal : histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIX^e siècle*. Paris : Nouveau Monde Éditions, 2011.
- DUMAS, Alexandre. *Correspondance Générale*. Tome 2. Paris : Classiques Garnier, 2014.
- ESTEVES, Lenita Maria Rimoli. *Atos de tradução. Éticas, intervenções, mediações*. São Paulo: Humanitas, FAPESP, 2014.
- FAGUET, Emile. *Dix-neuvième Siècle : études littéraires*. Paris : Boivin et Cie. Éditions Contemporaines, s/d.
- GIMENEZ, Priscila Renata. As *Variétés* e a literatura nos jornais franceses do Rio de Janeiro nos anos de 1830. In: LUCA, Tania Regina de; GUIMARAES, Valéria (Orgs.). *Imprensa estrangeira publicada no Brasil*. Primeiras incursões. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2017, p. 52-86.
- GRANJA, Lúcia. No rodapé dos jornais: casos do romance-folhetim. *Floema*. Caderno de Teoria e História Literária, n° 9, p. 147-158. Vitória da Conquista-BA: Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, 2011. Disponível: <http://periodicos.uesb.br/index.php/floema/article/view/787>. Acessado em 08/02/2019.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Trad. Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012 [1985].

HEINEBERG, Ilana. *La suite au prochain numéro*. Formation du roman-feuilleton brésilien à partir des quotidiens *Jornal do Commercio*, *Diário do Rio de Janeiro* et *Correio Mercantil* (1839-1870). Tese de Doutorado – Unité de Formation et de Recherche d'Études Ibériques et Latino-Américaines, Université de la Sorbonne Nouvelle – Paris III, 2004.

HUGO, Victor. Funérais d'Alexandre Dumas. In : *Actes et Paroles*. Depuis l'exil. Paris : Hetzel; Maison Quantin, s/d. p. 33-35.

KALIFA, Dominique ; RÉGNIER, Philippe ; THÉRENTY, Marie-Ève ; VAILLANT, Alain (Dir.). *La civilisation du journal : histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIX^e siècle*. Paris : Nouveau Monde Éditions, 2011.

LAGARDE, André ; MICHARD, Laurent. *XIX^e Siècle : Les grands auteurs français du programme*. Anthologie et histoire littéraire. Collection littéraire Lagarde et Michard. Paris : Bordas, 1985.

LANSON, Gustave. *Histoire de la Littérature Française*. Paris : Librairie Hachette, s/d.

LEDDA, Sylvain. *Alexandre Dumas*. Paris : Éditions Gallimard, 2014.

MENDES, Maria Lúcia Dias. Romances-folhetins sem fronteiras: o caso de Alexandre Dumas. In: ABREU, Márcia (Org.) *Romances em movimento*. A circulação transatlântica dos impressos (1789-1914). Campinas: Editora da UNICAMP, 2016, p. 223-253.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MIRECOURT, Eugène de. *Maison Alexandre Dumas et Cie*. Paris : Chez tous les marchands de nouveautés/Imprimerie de Hauquelin et Bautruche, 1845.

MOLLIER, Jean-Yves. *Michel & Calmann Lévy ou la naissance de l'édition moderne* (1836-1891). Paris : Calmann-Lévy, 1984.

MOLLIER, Jean-Yves. Tradução e globalização da ficção: o exemplo de Alexandre Dumas Pai na América do Sul. *Revista da Anpoll*, n. 38, p. 296-306. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, 2015. Disponível:

<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/862>.

Acessado em 11/01/2019.

MOLLIER, Jean-Yves. As origens do romance-folhetim: do espaço textual ao recorte de uma obra de ficção. *Alea*, v. 20, n.º 3, p. 17-36. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas-UFRJ, 2018. Disponível:

<http://www.scielo.br/pdf/alea/v20n3/1807-0299-alea-20-03-17.pdf>

Acessado em 11/01/2019.

SALES, Germana Maria Araújo. Ficção Brasileira. *Caminhos do romance: ficção brasileira*. 2005. Disponível: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/>. Acessado em 27/11/2018.

SANTOS, Idelette Muzart-Fonseca dos. *O conde de Monte Cristo* nos folhetos de cordel: leitura e reescrituras de Alexandre Dumas por poetas populares. *Estudos Avançados*, v. 14, n° 39, p. 205-227. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da USP, 2000. Disponível: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9535>. Acessado em 11/01/2019.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Edição, recepção e mobilidade do romance *Les Mystères de Paris* no Brasil oitocentista. *Varia Historia*, v. 26 n° 44, n.p. Belo Horizonte, jul./dez. 2010. Disponível: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-87752010000200013> Acessado em 11/01/2019.

SILVA, Hebe Cristina da. Prelúdio do romance brasileiro: Teixeira e Sousa e as primeiras narrativas ficcionais. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2009.

THÉRENTY, Marie-Ève. Mysterymania. Essor et limites de la globalisation culturelle au XIX^e siècle, *Romantisme*, v. 160, n° 2, 2013, p. 53-64. Disponível: <https://doi.org/10.3917/rom.160.0053> Acessado em 11/01/2019.

Recebido em 02/03/2019.

Aceito em 15/04/2019.